

## LUSTRO DO BRASIL NA FORÇA-TAREFA MARÍTIMA DA UNIFIL

*Palavras do Ministro da Defesa, Raul Jungmann, na cerimônia de 5 anos do comando do Brasil na Força-Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas no Líbano*

**Beirute, 2 de novembro de 2016**

Senhoras e senhores,

Há cinco anos o Brasil assumiu o comando da primeira Força-Tarefa Marítima a integrar uma operação de paz na história das Nações Unidas.

É uma enorme satisfação estar aqui, a bordo da Fragata Liberal, para celebrar esse lustro.

Criada há dez anos com a missão de patrulhar a costa libanesa, evitar a entrada ilegal de armas no país e contribuir para o adestramento da Marinha do Líbano, a Força-Tarefa Marítima soma esforços com os demais componentes militares e civis da Força Interina das Nações Unidas no Líbano, a UNIFIL, em prol da manutenção da estabilidade na região.

Em 2011, após os primeiros cinco anos de operação da Força-Tarefa, elevamos o nível de nossa contribuição para o esforço de paz da ONU e de nossa responsabilidade perante a comunidade internacional ao assumir o comando desse importante e inédito esforço.

Desde então, passados cinco anos, seis almirantes brasileiros já exerceram o cargo de Comandante da Força e vários de nossos navios já atuaram como seu capitânia, alguns por até três missões intercaladas, como é o caso da Fragata Liberal.

O Brasil tem mantido a liderança da Força-Tarefa Marítima da UNIFIL não apenas por causa da eficiência com que nosso pessoal vem desempenhando suas atividades, mas também por não haver qualquer restrição ao exercício dessa liderança por parte da ONU ou de quaisquer dos partidos envolvidos no processo de paz.

Quero exaltar os demais países que compõem a Força-Tarefa e seus representantes, que integram as ações sob o comando brasileiro e demonstram, com isso, confiança no nosso profissionalismo, além da crença nos valores das Nações Unidas.

Para o Brasil, comandar esta Força-Tarefa é uma grande honra e também uma grande responsabilidade, que comprova o reconhecimento da capacidade de comando e controle da Marinha do Brasil e o respeito aos princípios que norteiam nossa atuação por parte da comunidade internacional.

Tenho falado da importância de que o Brasil conjugue *soft power* e *hard power* em sua política de defesa, compondo o chamado *smart power*.

Por meio de nossa contribuição à frente da Força-Tarefa Marítima da UNIFIL, temos a oportunidade de aliar o estilo diferenciado de *peacekeeping* que vem sendo consolidado por

nosso País ao uso de força armada, o que nos dá significativa visibilidade dissuasória no plano internacional.

Em tempos de instabilidade geopolítica e incerteza do ponto de vista da segurança internacional, torna-se especialmente importante o esforço de colocar-se no lugar do outro e de cultivar princípios como a solução pacífica de conflitos, que fundamentam as Nações Unidas desde sua criação e que também norteiam a atuação externa do Brasil.

O episódio de setembro 2015, em que a corajosa Corveta Barroso resgatou 220 refugiados no Mar Mediterrâneo, é um bom exemplo para ilustrar a maneira como o Brasil busca aliar o cumprimento diligente do dever à empatia no trato com a população local.

Quero destacar, ainda, algumas das ações recentes da Força-Tarefa, como a interceptação de uma embarcação de recreio suspeita, em junho deste ano, pela Fragata Independência, que atuava, à época, como navio-capitânia.

A interceptação levou à posterior apreensão da embarcação pela Marinha libanesa, que a flagrou transportando 2,5 toneladas de drogas ilícitas.

A atuação da Força-Tarefa também ocorre com a utilização dos meios navais e aeronavais disponíveis para prestar socorro à população da região, como ilustra o episódio recente de socorro prestado pela Fragata Liberal, no mês passado, com participação de seu helicóptero orgânico.

O Brasil transformou-se em lar para um grande número de libaneses: enquanto a população libanesa é estimada em 4 milhões de habitantes, o Brasil tem a honra e a felicidade de ter acolhido quase o dobro desse número, entre libaneses e descendentes.

Somos, atualmente, presididos por um descendente de libaneses.

Sei que a interação das diversas tripulações dos navios brasileiros com a comunidade libanesa tem sido a melhor possível, e que nossos militares participam de diversos eventos assistenciais, culturais e acadêmicos junto à população local.

O relacionamento com a Marinha libanesa também reflete essa conexão histórica, aliando a amizade e respeito mútuo entre nossos povos ao profissionalismo e espírito de sacrifício característicos da gente do mar.

Contamos, ademais, com o precioso apoio da Embaixada do Brasil em Beirute e da Adidância de Defesa, que têm contribuído para a eficiência no desempenho das atividades operacionais da Força-Tarefa e para o bem-estar das tripulações dos seus navios capitânias.

Estou certo de que não poderia haver um contexto mais favorável para que nosso País possa continuar participando do esforço multilateral de manutenção da paz.

O comando desta Força-Tarefa proporciona ao Brasil não apenas a oportunidade de contribuir significativamente para a segurança de uma região sensível e estratégica, mas também a aquisição de uma visão de mundo mais ampla, que nos permite, no âmbito da Defesa e das Forças Armadas, avaliar de maneira mais completa os cenários do presente e do futuro.

Dessa forma, agradecemos ao Comando da UNIFIL o apoio e a confiança na contribuição brasileira ao seu componente naval. A UNIFIL foi criada em 1978, com os objetivos de manter a estabilidade e a paz na região, assegurar a retirada de tropas israelenses do território libanês e assistir o governo do Líbano na restauração de sua autoridade.

Contemporaneamente, outros desafios e rivalidades continuam a ameaçar a paz e a estabilidade dessa região, que é tão importante do ponto de vista estratégico quanto é incomparável em sua contribuição como berço de nossa civilização.

A guerra demanda o que os homens são e fazem de melhor para o pior dos fins.

Sem de nenhum modo questionar o imperativo de que as nações sejam capazes de se defender e de dissuadir ameaças à sua soberania, podemos ponderar que as operações de paz da ONU, fundamentadas nos princípios do consentimento, da imparcialidade e do não uso da força, nos permitem ser e fazer o nosso melhor para o melhor dos fins.

Aos integrantes da briosa Fragata Liberal, que encontram-se, agora, a meio mundo de distância de casa, dirijo meus cumprimentos pessoais e transmito o orgulho de toda a nossa Nação por sua abnegação e profissionalismo.

Estou certo de que as lições que terão oportunidade de aprender nesta missão os engrandecerão como militares e como seres humanos.

Tem sido assim para os *peacekeepers* brasileiros que, como vocês, cumprem as mais distintas missões em contextos extremamente desafiadores, doando-se e recebendo de volta em medidas muito similares.

Ao encerrar, vejo como significativo que estejamos nos conveses dessa Fragata, a Liberal, que, assim como suas outras cinco irmãs gêmeas, conta com milhares de dias de mar navegados em todos os oceanos e sob todas as condições atmosféricas, e já enfrentou, dezenas de vezes, mares capazes de fazer mesmo os mais experientes marinheiros se apequenarem.

Esta mesma fragata, que possui sistemas de armas de elevado poder destrutivo, cumpre, aqui, uma nobilíssima missão, que se amalgama à raiz de seu nome: apoio à liberdade e à paz.

Dirijo o meu "Muito obrigado!" à Liberal e a todos os navios da invicta Marinha do Brasil, em nome do povo brasileiro, dos irmãos libaneses e dos países integrantes da Força-Tarefa Marítima da UNIFIL.